

Novembro negro na Ufrgs: o papel da comunicação no incentivo à (re)construção do imaginário social dos estudantes negros¹

Wagner Machado da Silva²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações acerca do processo de construção do Novembro Negro na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017), tendo como base a perspectiva comunicacional. Considerando-se a pouca representação dessa etnia na referida instituição pública de ensino superior e também levando em conta aspectos como visibilidade, racismo, preconceito e empoderamento, pretende-se refletir, através da análise de conteúdo, o papel da imprensa institucional na valorização dos negros dentro desse lugar de poder simbólico que muitas vezes foi afastado das camadas sociais mais pobres. O desejo de dialogar sobre esse tema no Intercom Nordeste encontra embasamento nos dados estatísticos, afinal, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Rio Grande do Sul tem 18,2% de pretos e pardos declarados, enquanto na Bahia esse número chega a 76,7%. Dessa forma, ao conhecer novas perspectivas, é possível compreender os avanços e as limitações de cada estado e aprimorar a pesquisa e as práticas comunicacionais.

Palavras-Chave. Educação; valorização étnica; negro; comunicação.

O LUGAR DE FALA DOS NEGROS DA UFRGS

Para que se entenda a importância do Novembro Negro de 2017 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) é preciso compreender o lugar de fala dessa etnia na educação superior. Dados do censo de 2014, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelaram que 53,6%, ou seja, metade da população brasileira se autodeclarou negra, preta ou parda, ainda assim, apenas 26 em cada 100 alunos das universidades do país são negros. O Rio Grande do Sul, em contraste, é um Estado majoritariamente branco (81,5% da população), onde 18,2% se percebe como negro ou pardo. Ainda assim, como poderá ser visto, as manchetes dos jornais e sites, após o evento, reafirmaram a importância da atividade para os negros, mostrando a união histórica e dando o tom de que um novo momento está sendo vivenciado pela comunidade da UFRGS.

¹ Trabalho submetido ao DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania – no XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho – Uneb – Juazeiro (BA)

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na PUCRS. Graduado em Jornalismo pela mesma instituição de ensino. É servidor do Núcleo de Apoio a Eventos e Comunicação da Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e participa do Grupo de Estudos Interdisciplinar em Comunicação (Geisc/PUCRS) e do Grupo de Pesquisa Tecnologias do Imaginário (PUCRS). É bolsista Capes/Prosup.

Figura 1 - Arte criada pelo Núcleo de Apoio a Eventos e Comunicação da Faculdade de Educação da UFRGS para divulgar o Novembro Negro.



Fonte: Material gráfico criado pelo Núcleo de Apoio à comunicação e eventos da Faculdade de Educação da UFRGS

Os números étnicos da educação superior no Brasil falam bastante e são um retrato do abismo que existe entre as classes sociais, deixando claro que o lugar do negro, não raro, é na base da pirâmide e pode demorar alguns anos para atingir um patamar, no mínimo, mediano.

O sistema educacional [brasileiro] é usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro elementar, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas, como se executasse o que havia predito a frase de Sílvio Romero, constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? [...] Falar em identidade negra numa universidade do país é o mesmo que provocar todas as iras do inferno, e constitui um difícil desafio aos raros universitários afro- brasileiros (NASCIMENTO, 1978, p. 95).

Outra pesquisa do IBGE confirma que o percentual de negros no nível superior quase dobrou entre 2005 e 2015, graças às políticas públicas de cotas. Para que se tenha uma ideia, em 2005, apenas 5,5% dos jovens autodeclarados pretos ou pardos em idade universitária frequentavam uma faculdade. Uma década depois, esse número mais que duplicou, possibilitando que 12,8% dos negros entre 18 e 24 anos chegassem ao nível superior. O percentual, que é positivo, equivale, porém, a menos da metade dos jovens brancos com a mesma oportunidade, que eram 26,5% em 2015 e 17,8% em 2005.

Se essa disparidade não for o suficiente para perceber a importância de valorizar quem chega na UFRGS, a maior universidade pública do Rio Grande do Sul, pode-se destacar que a dificuldade de acesso dos estudantes negros ao diploma universitário é reflexo do atraso escolar, que é maior neste grupo do que no de alunos brancos. Na idade que deveriam estar na faculdade, 53,2% dos

negros estão cursando nível fundamental ou médio, diante de 29,1% dos brancos.

Essa ausência, ou pouca presença, na universidade, que é um lugar de poder, tem reflexos diretos na representatividade do negro perante a sociedade e na forma como ele é desvalorizado e coisificado. O relatório divulgado pela Secretaria Nacional de Juventude da Presidência da República de 2016, constata que os jovens negros são as principais vítimas da violência e têm 2,5 vezes mais chances de serem assassinados no Brasil.

Nessa esteira, o IBGE detalhou recentemente que as mulheres negras são as que se sentem mais inseguras em todos os ambientes, até mesmo nas suas próprias casas. Além disso, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) trouxe à tona que um negro no Brasil ganha, em média, a metade da renda de um não negro, independentemente da região onde mora ou de sua escolaridade. Esse estudo apontou ainda que a diferença salarial e de oportunidades de trabalho são ainda maiores nos cargos de chefia. Enquanto quase a metade dos brancos está empregada em vagas com carteira assinada, os negros estão concentrados no mercado informal em postos de trabalho sem vínculo empregatício ou de forma autônoma.

Com o avanço das políticas públicas, como as cotas raciais³ e o Programa Universidade para Todos (ProUni)⁴ percebe-se um progresso no combate à falta de equidade no Brasil. Nessa perspectiva, destaca-se que as cotas raciais são ações afirmativas que têm como principal função a reparação de desigualdades econômicas, sociais e educacionais no Brasil. Através da reserva de vagas para o ingresso de cidadãos pretos, pardos e indígenas nas instituições de ensino superior pública. Isso acontece por que, em uma sociedade que historicamente privilegia um grupo racial e oprime os demais, as cotas surgem como um

³ As cotas raciais, criadas são uma política de reserva de vagas nos processos seletivos de universidades e órgãos públicos para autodeclarados pardos, pretos ou indígenas.

⁴ O Prouni (Programa Universidade Para Todos) é um programa criado pelo MEC em 2004 que fornece bolsas de estudo parciais e integrais em instituições de ensino particulares, para estudantes de baixa renda, sem diploma de nível superior.

importante meio de atuação contra a desigualdade social e a favor da democracia e da cidadania.

Anterior às cotas, o PROUNI faz parte da política nacional de educação superior que promove a expansão do acesso da população de baixa renda a esse nível de ensino.

Figura 3 - Matéria publicada no jornal Zero Hora em 21 de novembro de 2017



Fonte: Jornal Zero Hora. ⁵

Embora exista essa forma de acesso por uma medida governamental que cria reserva de vagas para determinado segmento social, foi somente a partir de 2007 que os negros oriundos de escolas públicas conquistaram o direito de ingressar na UFRGS através das cotas. Segundo informações da Coordenadoria de Ações Afirmativas da UFRGS (CAF), uma década depois, em uma universidade com cerca de 48 mil alunos (entre graduação e pós-graduação), apenas 5.501 mil estudantes (autodeclarados pretos ou pardos) já ocuparam os bancos da universidade, vencendo a luta contra a histórica exclusão dessa etnia.

⁵Disponível em: <https://goo.gl/bWRtCA>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

Ou seja, ainda há poucos negros na UFRGS, porque a maioria dos estudantes de escolas públicas, está localizada na periferia onde a concentração de afrodescendentes é massiva, não consegue ser inserida nos bancos da universidade.

Figura 4 - Matéria publicada no jornal Correio do Povo em 21 de novembro de 2017



Fonte: Jornal Correio do Povo⁶.

No imaginário popular, há uma aceitação de que os negros podem ser excelentes músicos, dançarinos, atores e atletas. Porém, as possibilidades, via de regra, ficam restritas a esse campo, pois historicamente o acesso aos bens materiais foi dificultado ao máximo para este segmento da população, uma vez que a elite brasileira impediu que os negros tivessem participação nas instituições políticas, como os poderes legislativo, executivo e judiciário, instituições educativas, como as escolas e universidades, aos meios de produção de capital, além dos direitos humanos fundamentais. Durand (2001, p. 41) destaca que o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se

⁶Disponível em: <https://goo.gl/JhtnAW>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

qualquer representação humana. Para ele, são nos fluxos e refluxos do imaginário que ocorre o processo de elaboração e decodificação das imagens. Silva acredita que os reflexos atuais foram construídos durante a escravidão.

Os negros foram mantidos sequestrados em cativeiros públicos e familiares sob a proteção de leis de conveniência feias pelos interessados. Desde o primeiro dia do fim da escravidão, o negro libertado seria visto como vagabundo e bêbado em potencial (SILVA, 2016. p.22).

Figura 5 - Matéria publicada no jornal Zero Hora em 21 de novembro de 2017



Fonte: Jornal Zero Hora.⁷

Com esse propósito, sob demanda da direção da Faculdade de Educação, os meses temáticos surgem justamente para suprir e melhorar essa carência: na perspectiva de promover o desenvolvimento social, instigar debates e troca de saberes e fazeres populares, bem como garantir valores democráticos

⁷Disponível em: <https://goo.gl/xgJaD4>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

de igualdade de direitos, sempre com respeito à pessoa e sustentabilidade social. Mensalmente a FACED realiza atividades temáticas e foi assim com o mês das mulheres (março), dos povos indígenas (abril), trabalhadores (maio), lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis (julho), cotistas (agosto), surdos e deficientes (setembro).

Com a articulação do Núcleo de Apoio a Eventos e Comunicação, o Novembro Negro se constituiu em um momento de resistência e comemoração, já que nesse ano comemorou-se uma década da implantação do sistema de cotas na UFRGS. Para celebrar os 10 anos de cotas, foram realizadas cerca de 30 atividades interdisciplinares ao longo do mês.

Figura 6 – Matéria publicada no G1RS no dia 21 de novembro de 2017



Fonte: Site G1rs.⁹

Entre os momentos mais emblemáticos do Novembro Negro destacam-se a foto coletiva intitulada “*Sim, representatividade importa*”, com os alunos, técnico-administrativos, professores e funcionários terceirizados, cotistas ou não. Idealizada para comemorar as conquistas dos negros e lembrar todas as outras que ainda são necessárias, sobretudo a permanência em uma instituição

⁹ Disponível em: <https://goo.gl/tVKZaG>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

de ensino público. Para que esse momento existisse foi necessário que o jornalista negro da Faced, articulasse as atividades com outros setores da UFRGS, como, por exemplo, a Coordenadoria de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas (CAF), Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), Instituto de Letras, Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) e Coletivo de Negras e Negros Faced. .

Figura 7 - Matéria publicada no site Sul21 no dia 21 de novembro de 2017

No 20 de novembro, comunidade negra da UFRGS faz foto coletiva: 'representatividade importa'

Publicado em novembro 20, 2017

Like 1K
1.1k Tweets



Fonte: Site do jornal Sul21.¹⁰

Na prática, o Novembro Negro já existia na UFRGS, porém de forma fragmentada. Alguns coletivos promoviam atividades nos seus campi, mas essas, não raro, ficavam restritas aos poucos negros daquele local. Nesse sentido, sob responsabilidade do Núcleo de Apoio a Eventos e Comunicação da Faced (NAEC), foi possível unificar essas ações para que elas ganhassem força e visibilidade e o movimento negro de fortalecesse na universidade.

Figura 8 – Matéria publicada no site do Correio do Povo em 21 de novembro de 2017

¹⁰ Disponível em: <https://goo.gl/vTo7ZQ>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

Comunidade acadêmica celebra representatividade negra na Ufrgs

Foto coletiva integra programação de atividades do evento "Novembro Negro da Ufrgs"



Foto coletiva integra programação de atividades do evento "Novembro Negro da Ufrgs" | Foto: Guilherme Testa

Fonte: Jornal Correio do Povo. ¹¹

Durante o encontro, no dia 20 de novembro, de posse de um megafone uma aluna negra do curso de Ciências Sociais leu um texto de sua própria autoria. Esse material está descrito abaixo e foi postado junto com a foto coletiva no Facebook da Faced, a qual teve mais de 300 compartilhamentos e 900 curtidas no primeiro dia.

Sim, Representatividade importa!

Porque foram 400 anos de escravidão e exploração;

Porque foram diversas tentativas de nos apagar, de nos embranquecer;

Porque o Mito da Democracia Racial ainda persiste em nosso país, e só como mito; Porque somos mais de 50% da população, mas ocupamos os piores cargos de trabalho;

Porque somos o alvo principal da Brigada Militar, totalizando ao ano mais de 30 mil assassinatos contra jovens negros de periferia;

Porque somos a população mais dependente do SUS e que recebemos os piores atendimentos;

Porque nossa umbanda, nosso candomblé são os mais atacados pela intolerância religiosa (que nós chamamos de racismo);

Porque não somos apenas 12% no ensino superior;

Representatividade importa porque somos a população mais oprimida dentro da sociedade em que vivemos, porque a tentativa de nos apagar, apagar nossa história, é um projeto que se

¹¹ Disponível em: <https://goo.gl/8N2PWN>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

expressa no genocídio da população negra e de diferentes formas, seja pela arma da Polícia ou negligência do Estado.

Ocupar os espaços, que historicamente também nos pertence, mas nos são negados, significa mostrar que existimos, tais como somos, negros. E que resistimos, tais como somos, negros.

Texto da Morghana Benevenuto Almeida

NOVEMBRO NEGRO NA MÍDIA

Como se percebe, ao longo das imagens que constam nesse artigo, o Novembro Negro na UFRGS teve ampla repercussão na mídia gaúcha, de modo especial a foto coletiva, pois ela foi emblemática e ajuda a dar novo sentido ao imaginário do negro junto à educação e para além dela.

Figura 9 - Matéria publicada no Jornal do Comércio no dia 21 de novembro de 2017



Fonte: Site do Jornal do Comércio. ¹²

A base teórica demonstra que imaginário não é a cultura, apesar de conter elementos culturais do organismo social ao qual está vinculado. O imaginário, conforme sustenta Maffesoli (2002), se encontra na intermediação entre o simbólico e o sujeito. E, de acordo com Flusser, as imagens podem reafirmar e traduzir esse contexto.

¹² Disponível em: <https://goo.gl/gjSrX9>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

O carácter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. As imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens eternalizem eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialética interna da imagem, própria de todas as mediações e que nelas se manifesta de forma incomparável (FLUSSER, 1998, p.28).

Em razão desse ato histórico, que reuniu mais de 300 estudantes, em uma imagem quase impensável há uma década quando não existia cotas para ingresso na instituição de ensino, a mídia não se limitou ao estereótipo das notícias onde os negros têm lugar cativo na editoria policial ou estampando as páginas sobre Carnaval. Com alteridade, à medida que se faz uma análise dos textos e do peso que o Novembro Negro na UFRGS teve na mídia, é possível entender o quão importante é e foi essa repercussão para a autoestima e valorização dessa etnia. Para tanto, cabe lembrar que dados históricos comprovam que os negros eram a maioria da população brasileira no final do século XIX e por serem considerados inferiores, as elites brasileiras percebiam essa população como um problema ao progresso brasileiro, isso traz reflexos ainda na atualidade, através do racismo e do preconceito.

Sodré (2000) afirma que o racismo adotado no Brasil seguiu o conceito o qual denomina racismo universalista de tipo espiritualista no qual as raças evoluem e tornam-se superiores na razão direta do progresso civilizatório”. Para que fosse possível a evolução dessa raça, a imigração europeia como massa trabalhadora assalariada foi a solução para a econômica e também para o embranquecimento da população brasileira em prol do progresso.

As matérias publicadas no dia posterior, reflexo do agendamento da mídia, são um contraponto à realidade enfrentada por quem estuda na UFRGSe até mesmo os que desejam entrar na universidade, pois até então, a universidade, ao que se sabe, assim como tantas outras instituições, não raro, era reduto da branquidade e percebida como o lugar da cultura superior do mundo ocidental. Ao que parece, a ausência de melanina, por anos, foi traduzida numa posição que assegurava vantagens na estrutura de oportunidades e poder em

sociedades marcadas pela dominação racial. Nesse contexto, a instituição de ensino refletiu e ainda reflete uma visão eurocêntrica de mundo que percebe e trata o negro como inferior. Auxiliado pelas fotos, as reportagens conseguiam demonstrar um novo momento que a UFRGS está vivendo, um período mais amplo e diverso, com caráter público e democrático, que é o esperado em uma instituição gratuita. A maioria dos rostos representados na imagem, que pode ser encarada como o legado do Novembro Negro, são reflexos das políticas de ações afirmativas que têm procurado modificar esse quadro de exclusão, auxiliando na desconstrução do mito de que há uma democracia racial, fato ainda muito presente no imaginário brasileiro.

Como se pode ver, as manchetes reafirmaram a importância da atividade para os negros, mostrando a união histórica e dando o tom de que um novo momento está sendo vivenciado pela comunidade da UFRGS. Destaca-se as seguintes divulgações: Site da Zero Hora, “Dia da Consciência Negra: alunos, professores e funcionários negros da UFRGS posam para foto coletiva e dentro do jornal “O registro de uma UFRGS em mais cores e na contracapa “Tons da Diversidade”. O jornal Correio do Povo também valorizou a iniciativa na capa do periódico “Foto coletiva marca Novembro Negro” dentro do periódico “Foto coletiva marca Novembro Negro” e no site “Comunidade acadêmica celebra representatividade negra na Ufrgs”. A RBSTV fez uma matéria e cobriu ao vivo a atividade coletiva “Foto comemorativa marca o Dia da Consciência Negra na UFRGS”, já o site Sul21 fez uma ampla reportagem com o título “No 20 de novembro, comunidade negra da UFRGS faz foto coletiva: ‘representatividade importa’ e o Jornal do Comércio também deu destaque com a chamada “Negros da Ufrgs fazem foto coletiva em frente à reitoria”.

UM ESTÍMULO PARA UMA IMPRENSA COM MAIS EQUIDADE

Figura 12 - Capa do jornal Correio do Povo em 21 de novembro de 2017.



Fonte: Jornal Correio do Povo.¹³

Ao se refletir sobre a importância da primeira foto coletiva dos negros da UFRGS, não se pode deixar de lado um fato regional: segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o Rio Grande do Sul é o estado brasileiro que apresenta a segunda maior percentagem de população branca, (mais de 80%) atrás apenas de São Paulo. Esse percentual existe também porque o Estado acolheu imigrantes de várias procedências e por anos enalteceu o legado dos grupos imigrantes de origem europeia em contraste com a pequena visibilidade social e simbólica da contribuição da população negra e indígena.

Ao longo dos anos, a democracia racial se manifestou no imaginário brasileiro e tentou esconder ou anular os problemas socioeconômicos enfrentados pelos afrodescendentes. Porém, ainda que muitos optem por não visualizar, o racismo se manifesta na manutenção da superestrutura escravista, aonde os brancos continuam sendo os donos da “Casa Grande” e os negros continuam nas “Senzalas”. No livro *Raízes do Conservadorismo Brasileiro, A abolição na imprensa e no imaginário social*, o professor e jornalista Juremir Machado da Silva (2017), relembra que a riqueza do Brasil foi constituída pelo braço escravo. Na obra, ele reconta que os brancos serão devedores dos negros trazidos da África como mercadorias, raptados e violentados. Além disso, a abolição da escravidão inaugurou simultaneamente o longo ciclo de marginalização do negro (SILVA, 2017). Nessa perspectiva, quem visita alguma das faculdades da UFRGS encontra negros, mas não cargos de docência ou

¹³ Disponível em: <https://goo.gl/4jgw3p>. Acesso em 04 de fevereiro de 2018.

como técnico-administrativos ou estudando em sala de aulas, mas na parte de serviços terceirizados, na higienização, por exemplo.

Michel Maffesoli (2001) descreve que o imaginário é uma espécie de aura, atmosfera que perpassa a cultura, “é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável”. Tal definição vem ao encontro da percepção de que a falta de representatividade do negro na academia ativamente na constituição da identidade desta população e na maneira como ela é vista pelos demais. Dessa forma, enquanto o negro for retratado como subalterno, reafirma-se também um imaginário, um universo simbólico que não modernizou na nossa sociedade.

Consideramos que a partir de uma compreensão de que os meios de comunicação podem desempenhar um papel importante no processo de desenvolvimento de uma sociedade, torna-se imprescindível discutir o potencial colaborativo dos órgãos de imprensa na sociedade brasileira. Por fim, percebe-se, portanto, ainda que por iniciativa das minorias, a comunicação pode ser um poderoso instrumento para a educação para a igualdade. A imprensa tem a possibilidade de valorizar peculiaridades de pessoas e grupos, enaltecendo e produzindo conhecimento para combater ações cotidianas que descaracterizam e desqualificam aqueles que têm sido postos às margens da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**: para uma filosofia da técnica. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

GOMES, Wilson. **Transformação da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus. 2004.

GUARESCHI, P. E BIZ, O. **Mídia, educação e cidadania**: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O Imaginário é uma Realidade** (entrevista). Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v, 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **Matrizes**, n. 2, p. 15-38, abr. 2008.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/38190/40930>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

SODRÉ, Muniz.. **Claros e escuros: identidade povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, Juremir Machado. **Raízes do conservadorismo brasileiro, a abolição na imprensa e no imaginário social**. Porto Alegre: Civilização Brasileira, 2017.